

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Bacharelado em Tradução

Naiara Rodrigues de Brito

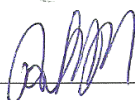
Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling:
estudo e tradução comentada de um conto de humor de Edgar Allan Poe

João Pessoa – PB
Agosto de 2013

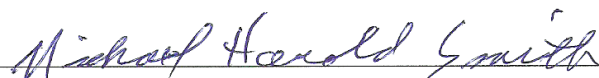
NAIARA RODRIGUES DE BRITO

WHY THE LITTLE FRENCHMAN WEARS HIS HAND IN A SLING:
ESTUDO E TRADUÇÃO COMENTADA DE UM CONTO DE HUMOR
DE EDGAR ALLAN POE

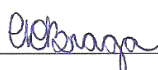
BANCA EXAMINADORA



Prof^o Mestre Daniel Antonio de Sousa Alves



Prof^a Doutor Michael H. Smith



Prof^a Doutora Camila N. de O. Braga

João Pessoa

2013



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Bacharelado em Tradução

Naiara Rodrigues de Brito

**Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling:
estudo e tradução comentada de um conto de humor de Edgar Allan Poe**

Trabalho realizado e apresentado como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba durante o período de 2013.1 para obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. MSc. Daniel Antônio de Sousa Alves

João Pessoa – PB

Agosto de 2013

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Brito, Naiara Rodrigues de.

Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling: estudo e tradução comentada de um conto de humor de Edgar Allan Poe./ Naiara Rodrigues de Brito. - João Pessoa, 2013.

54f.

Monografia (Graduação em Tradução) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof. Me. Daniel Antônio de Sousa Alves

1. Tradução literária. 2. Tradução comentada. 3. Tradução de conto. I. Poe, Edgar Alan. II. Título.

BSE-CCHLA

CDU 81'255.4

Sumário

Agradecimentos	6
Lista de Tabelas	7
Resumo	8
Abstract	9
1. Introdução	10
2. Apresentação das bases do trabalho	12
2.1 Sobre a obra e o autor	12
2.2 Justificativas	15
2.3 Objetivos	16
3. A Política de Tradução	19
3.1 Estudos preliminares	19
3.2 Sobre o projeto de tradução	24
3.3 A simbologia do conto	25
3.4 Orientações e diretrizes	28
4. A Tradução	36
5. Considerações Finais	43
6. Referências	46
7. Anexos	47
Anexo 1 - TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE	47
Anexo 2 - Relação dos contos de Poe	48
Anexo 3 - “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”	50

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus pais, João e Eridan, minha irmã Liara, minha avó Érida, meus tios e primos e toda minha família pela paciência, pela torcida e por acreditarem em mim nesse momento tão importante da minha vida.

Agradeço a meu orientador, o Prof. Daniel Alves, pelo apoio e por me guiar nessa caminhada, e a todos os professores da Tradução por seu esforço nas salas de aula e por tornarem a experiência da graduação bem melhor do que eu esperava.

Agradeço a Camyle e a todos os meus colegas de curso e amigos pela ajuda mútua na jornada acadêmica, que já salvou tantas vidas, e por tornarem a universidade um ambiente tão divertido e acolhedor.

Agradeço a Edgar Allan Poe por ter existido e por ter escrito tantas obras maravilhosas, dentre elas o conto traduzido e comentado neste trabalho.

Agradeço a todas e todos que de alguma forma me ajudaram na realização deste trabalho.

Obrigada de coração.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Número de contos de cada gênero

Tabela 2: Número de traduções de cada gênero

Resumo

Edgar Allan Poe foi um escritor cuja importância e fama no mundo são facilmente percebidas. Podemos ver também a influência do autor de “O Corvo” e “O Gato Preto” na literatura e cultura popular brasileiras, das dezenas de traduções de seus contos e poemas aos inúmeros trabalhos acadêmicos e pesquisas bibliográficas de sua vida e obra. No entanto, nem só de misteriosos corvos e gatos pretos viveu o ‘Mestre do Horror’, e muitas vezes seus contos de humor e sátira recebem pouca atenção. Sendo assim, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende contribuir para uma maior visibilidade desta parte menos conhecida pelo público leitor brasileiro de Poe por meio de uma análise e tradução comentada do conto de humor “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”.

Palavras-chave: Tradução Comentada; Tradução Literária; Tradução de Conto; Edgar Allan Poe.

Abstract

Edgar Allan Poe was a great writer whose importance and fame in the world are easily noticed. We can also see the influence the author of *The Raven* and *The Black Cat* has on Brazilian literature and popular culture, from dozens of translations of his tales and poems to the countless academic pieces and bibliographic researches on his life and work. However, not only of mysterious ravens and black cats did the ‘Master of Horror’ live, and many times his humorous and satirical tales are often marginalised. On that note, this monograph intends to make a contribution to this quite unknown part of Poe’s more visible to Brazilian readers, by means of a commented translation of the humorous tale “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”.

Keywords: Commented Translation; Literary Translation; Short Story Translation; Tale Translation; Edgar Allan Poe.

1. Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso, inserido na área de Estudos da Tradução e na subárea de estudos da Tradução Comentada, consiste em uma análise e tradução comentada do conto de humor “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, do escritor, poeta e crítico literário americano Edgar Allan Poe (1809-1849).

Mais conhecido por seus contos de horror e mistério e pelo poema “The Raven”, Edgar Allan Poe foi um grande escritor norte-americano cuja obra é bem diversificada, incluindo vários poemas, críticas literárias, ensaios e contos que vão do horror à sátira, embora algumas partes de toda esta obra ainda sejam menos conhecidas pelo público. A escolha de Poe como autor se deu por sua relevância como autor popular, o que se reflete no número de traduções de algumas de suas obras, mas também por sua importância canônica, inspirando diversos autores, como *Sir* Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, e diversos tipos de obras de diferentes mídias, como séries de TV, filmes e quadrinhos.

Publicado pela primeira vez em 1840, e contando com apenas uma tradução para o português conhecida até os dias atuais, “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, conto traduzido aqui, representa justamente esta parte menos conhecida da obra de Poe: neste caso, seus contos de humor, como veremos ao decorrer deste trabalho. E é por meio da tradução comentada deste conto, tão diferente dos famosos “The Black Cat” e “The Murders in the Rue Morgue”, por exemplo, que este trabalho pretende não só contribuir para os estudos da tradução literária comentada, mas também dar mais visibilidade e chamar a atenção do público leitor de Poe para as obras que, como este conto, muitas vezes não ganham destaque por não serem o que costumamos ver entre os escritos mais publicados de Poe.

Seguindo a forma como este trabalho foi organizado, temos, primeiramente, a seção 2. *Apresentação das bases do trabalho*, incluindo as subseções 2.1 *Sobre a obra e o autor*, que discorre brevemente sobre Poe e o conto “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”; 2.2 *Justificativas*, onde apresento as motivações deste trabalho; e 2.3 *Objetivos*, que mostrará o que pretendo atingir com este trabalho.

Depois temos a seção 3. *A Política de Tradução*, onde explicarei todo o processo de tradução do conto mencionado acima e quais as diretrizes que nortearam sua realização (subseção 3.4 *Orientações e diretrizes*), incluindo uma descrição do processo de seleção do conto a ser traduzido (subseção 3.1 *Estudos preliminares*), além de apresentar uma análise da obra em questão (subseção 3.3 *A simbologia do conto*). Na seção 4. *A Tradução*, temos “Porque o francesinho está com a mão na tipoia”, tradução de “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, seguida da Nota da Tradutora, conforme será explicado nas subseções 3.2 *Sobre o projeto de tradução* e 3.4 *Orientações e diretrizes*.

2. Apresentação das bases do trabalho

Esta seção fará uma exposição das bases deste trabalho, isto é, apresentará o conto que será traduzido e seu autor, além das minhas motivações e intenções. Haverá, em primeiro lugar, a subseção *2.1 Sobre a obra e o autor*, uma breve introdução com informações sobre Edgar Allan Poe e sobre o conto a ser trabalhado aqui, i.e. “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”. Em seguida, haverá mais duas subseções: *2.2 Justificativas*, onde discorrerei sobre as justificativas e motivações deste trabalho, e *2.3 Objetivos*, onde serão apresentados meus objetivos gerais e específicos.

2.1 Sobre a obra e o autor

Esta subseção traz uma breve introdução sobre a vida e a obra de Poe apenas para fins de contextualização, uma vez que um estudo biográfico não é o propósito do trabalho. Para mais informações sobre a vida e a obra do escritor, ver Quinn (1941) e Mabbott (1978), por exemplo.

Filho de um casal de atores, ambos de ascendência irlandesa, e órfão aos cerca de 2 anos de idade, Edgar Poe nasceu em Boston, no estado americano de Massachusetts, em 19 de janeiro de 1809. Após a morte de seus pais, Poe foi criado pelo comerciante escocês John Allan e sua esposa Frances, de Richmond, no estado de Virginia, que lhe deram o nome Edgar Allan Poe, apesar de nunca o terem adotado formalmente.

A família se mudou para a Grã-Bretanha em 1815, morando por algum tempo em Irvine, na Escócia, cidade natal de John Allan, antes de mudarem-se para Londres em 1816. Retornaram então para Richmond, Virginia, em 1820. Apesar de a estadia no Reino Unido ter sido curta, é possível que tenha tido bastante impacto no imaginário do escritor, como sugere Quinn (1941).

O primeiro livro do autor foi publicado ano de 1827. Trata-se de uma coletânea de poemas intitulada *Tamerlane and Other Poems*, cuja autoria foi atribuída simplesmente a “um bostoniano”, fazendo de Poe um dos autores americanos mais jovens de seu tempo a ser publicado, aos 18 anos. Segundo Quinn (1941), o livro não teve muita repercussão na esfera literária da época, mas ainda foi um marco importante em sua carreira.

Após a publicação de mais dois volumes de poesias, Poe passou a se aventurar em outros gêneros, produzindo, sua primeira e única peça teatral, *Politian* (1835), embora não a tenha terminado, e vários contos, além de iniciar também a carreira de editor e crítico literário.

Em 1835, aos 26 anos, Poe casou-se com sua prima Virginia, então com 13 anos. A saúde frágil e morte precoce de Virginia, em 1847, parecem ter influenciado muitas das histórias de Poe, onde vemos frequentes temas relacionados à morte, beleza e simbolismo, especialmente nos contos de horror. Em outubro de 1849, o escritor foi encontrado em péssimo estado físico e mental nas ruas de Baltimore, e morreu de causas até hoje incertas dias depois, em 07 de outubro de 1849, aos 40 anos.

Apesar da curta vida, Poe deixou uma grande obra, entre seus mais de 60 contos e cerca de 70 poemas, além de um romance completo (*The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket*, 1837) e ensaios como *The Philosophy of Composition* (1846) e *The Poetic Principle* (1848). Sem dúvida, suas obras mais conhecidas ainda hoje são as de horror e mistério, embora ele também tenha escrito contos de humor e sátira, críticas literárias e até mesmo fraudes jornalísticas, histórias fictícias publicadas e veiculadas como fatos verídicos. Além de ser muitas vezes considerado pai do conto moderno, Poe é também considerado o mestre do gênero da investigação policial e grande influência na ficção científica, sendo fonte de inspiração para autores como Sir Arthur Conan Doyle, Agatha Christie e Jules Verne.

Mabbott (1978) acredita que a primeira publicação de “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” tenha sido em algum periódico da época, entre 1837 e 1839, uma vez que este parece ser o único conto de Poe que não teve sua primeira publicação em um periódico. Embora sugira o jornal *Saturday Visiter* de Baltimore como provável responsável por essa publicação, o próprio Mabbott admite que não há registros que comprovem esta teoria, uma vez que nenhuma edição de 1837 a 1839 do jornal foi encontrada. Assim, a primeira publicação comprovada do conto é a incluída no Volume II de *Tales of the Grotesque and Arabesque*, uma coletânea que, como aponta Bottmann (2010), é composta de 25 contos escritos entre 1831 e 1839 e selecionados pelo próprio Poe, publicada em 1839, porém com data de 1840. A história também foi logo pirateada, ainda em 1840, na revista *Bentley's Miscellany* de Londres, sob o nome “The Irish Gentleman and the Little Frenchman” (MABBOTT, 1978).

Bottmann (2010) indica que a primeira publicação brasileira da obra de Poe foi *Novellas extraordinarias*, de H. Garnier Livreiro-Editor, publicada em data incerta entre 1901 e 1903. Trata-se de uma coletânea de 18 contos mais a versão em prosa de “The Raven” de autoria de Charles Baudelaire, “O corvo (Gênese de um poema)”, provavelmente traduzida do francês, que traz a especificação “Tradução Brasileira”, embora não contenha o nome do tradutor. Mas “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” não foi incluído nesta edição de *Novellas extraordinárias*, e a única tradução para o português conhecida deste conto até a época da realização deste trabalho é a encontrada na antologia *Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia & ensaios*¹. Esta coleção, de tradução e organização de Oscar Mendes e Milton Amado e publicada em 1944 pela Editora Globo de Porto Alegre, instigou, no que diz respeito ao estudo

¹ Ver página 50 do documento de Google Docs apresentado no *blog* “Não gosto de plágio”, da tradutora Denise Bottmann, no *post* disponível no seguinte link:

<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/08/poe-xlii-planilhas-no-google-docs.html>

da obra de Poe, a produção da “maior parte de trabalhos críticos relevantes produzidos no Brasil” (DAGHLIAN, 2003, p. 45).

Embora muitas vezes esquecido pelos estudiosos e tradutores de Poe, “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” chama a atenção por sua temática leve e cômica, estilo raramente associado ao escritor, além do singular método de representação da fala utilizado na obra. Uma análise mais aprofundada do conto será apresentada na seção 3.3 *A simbologia do conto*.

Na próxima seção serão discutidas as justificativas e motivações deste trabalho.

2.2 Justificativas

As duas grandes motivações deste trabalho foram, em primeiro lugar, o desejo de trabalhar com a obra de Edgar Allan Poe, influenciado pelo meu gosto pessoal por seu trabalho, e depois, o de dar mais visibilidade a um texto deste grande escritor que não fosse o que geralmente se encontra nos sebos e livrarias. Para este trabalho, escolhi um dos contos humorísticos do autor, de forma a tentar, por meio do recurso da tradução comentada, levar ao conhecimento do público brasileiro obras que mostram um lado menos melancólico do autor de “The Raven”.

A escolha de Edgar Allan Poe, apesar de influenciada pelo gosto pessoal, se justifica pelo fato de ele ser um autor canônico, o que se pode verificar na sua frequente presença em coletâneas diversas como *Os melhores contos de cães e gatos*, publicada em 2007 pela editora Ediouro, e *Os mais belos contos terroríficos dos mais famosos autores*, 1ª e 2ª séries, publicadas respectivamente em 1943 e 1945 pela editora Vecchi, além de coletâneas de apenas contos de Poe, como *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*, publicadas pela Círculo do Livro em 1987, e *Histórias extraordinárias*, publicada pela Cultrix em 1958. Para uma listagem mais completa da

bibliografia brasileira de Poe, consultar Bottmann (2010) e o *blog* Edgar Allan Poe, de Denise Bottmann.

Poe está presente não só no cânone literário, influenciando autores como Machado de Assis e Euclides da Cunha, além do movimento simbolista brasileiro, como mostra Daghlian (2003), mas também na cultura popular do nosso país. Do número de traduções de suas obras ao número de diversos outros trabalhos inspirados nessas obras, podemos ver que sua influência é forte, mesmo que muitas vezes se restrinja à de ‘Mestre do Horror’. Um bom exemplo disso é a mini-série brasileira *Contos do Edgar*, produzida por Fernando Meirelles e veiculada pela FOX Brasil em 2013, que adapta seis contos de horror de Poe em cinco episódios e os ambienta na São Paulo dos dias atuais.

A escolha de trabalhar com “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” foi feita devido ao conto atender a todos os critérios elaborados inicialmente para a escolha do conto, além de destacar-se pelo enredo leve e estilo singular de narração. O processo de escolha do conto será detalhado na seção *3.1 Estudos Preliminares*.

A seguir serão apresentados os objetivos gerais e específicos deste trabalho.

2.3 Objetivos

Este trabalho pretende contribuir para a disciplina de Estudos da Tradução, mais precisamente as áreas de tradução literária e tradução comentada, em termos de metodologia de análise de contos e opções de estratégias de solução de problemas de tradução, sejam essas soluções criativas ou não; em suma, a intenção é mostrar uma forma, não necessariamente nova, de realizar trabalhos de tradução literária comentada. Também faz parte desta intenção incentivar a prática da tradução comentada, pois independente de ser feita no mundo acadêmico ou não, esta

modalidade pode oferecer ao leitor informações contextuais e cotextuais sobre a obra que a tradução não-comentada muitas vezes não oferece, o que possibilita que o leitor tenha uma compreensão mais completa do que está lendo. Além disso, a modalidade da tradução comentada contribui também para a construção da visibilidade do tradutor, e vale citar o que Venuti diz sobre isso²:

Em algumas traduções, as discontinuidades são aparentes, perturbando não intencionalmente a fluência da língua, revelando a inscrição da cultura doméstica; outras traduções trazem prefácios que anunciam a estratégia do tradutor e alertam o leitor para a presença de peculiaridades estilísticas perceptíveis. (VENUTI, 1995, p.29, tradução minha)

É possível perceber, então, o papel da tradução comentada na ideia de visibilidade, caracterizando então o segundo caso descrito na citação acima; o tradutor tem, neste caso, mais espaço para se manifestar e informar o leitor sobre questões que considere importantes em relação ao texto que está traduzindo, o que pode ajudar o leitor a compreender melhor não só a obra, mas também a importância da presença do tradutor na sociedade. E esta é a intenção e o diferencial da tradução comentada neste trabalho: possibilitar ao leitor uma fonte de informações extras sobre a obra traduzida, de forma que este leitor possa ter uma leitura mais crítica, ou talvez mais abrangente desta obra.

Entre os objetivos mais específicos, está o desejo de contribuir também para o aumento do número de traduções de Edgar Allan Poe no Brasil e ajudar na divulgação de suas obras menos conhecidas e traduzidas para o público leitor brasileiro em geral. Além disso, pretendo contribuir também para estudos e análises da obra de Poe, em especial sob a forma da análise de “Why the

² Symptomatic reading can thus be useful in demystifying the illusion of transparency in a contemporary English-language translation. In some translations, the discontinuities are readily apparent, unintentionally disturbing the fluency of the language, revealing the inscription of the domestic culture; other translations bear prefaces that announce the translator’s strategy and alert the reader to the presence of noticeable stylistic peculiarities. (VENUTI, 1995, p.29)

Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, conto muitas vezes não contemplado nestes estudos.

Sendo assim, os objetivos podem ser esquematizados da seguinte forma:

❖ Objetivo Geral:

- Contribuir para os estudos de tradução literária comentada, mostrando a forma como este trabalho foi feito como uma opção metodológica de realização de trabalhos nesta área.

❖ Objetivos Específicos:

- Aumentar a bibliografia traduzida da obra de Edgar Allan Poe no Brasil, com a realização da tradução do conto selecionado.
- Levar ao conhecimento do público brasileiro obras menos conhecidas de Edgar Allan Poe, através da tradução e análise de um destes contos menos conhecidos.

Apresentados os objetivos do trabalho, passemos à seção seguinte, 3. *A Política de Tradução*, que explicará o caminho percorrido para a concretização destes objetivos.

3. A Política de Tradução

Esta seção explicitará o plano de realização da tradução de “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” e como ele foi executado. A primeira subseção, *3.1 Estudos preliminares*, mostrará o processo de seleção do texto de partida utilizado. Em *3.2 Sobre o projeto de tradução*, subseção seguinte, discorrerei sobre o projeto de tradução de uma seleção de contos de humor do qual este trabalho é um estudo piloto. A terceira, *3.3 A simbologia do conto*, consiste numa análise dos elementos que compõem a história, importante para a compreensão do conto como um todo, e também para a formulação dos princípios que norteiam a tradução, e *3.4 Orientações e diretrizes*, quarta e última subseção, detalhará e explicará as estratégias e decisões tomadas na realização da tradução.

3.1 Estudos preliminares

Após a escolha da tradução comentada como modalidade de trabalho e de Edgar Allan Poe como autor a ser trabalhado, foi a vez de escolher o conto a ser traduzido, o que exigiu a criação de diversos critérios de escolha, haja vista que Poe escreveu mais de 60 contos. Assim, foi elaborado o primeiro critério que o conto escolhido deveria atender: ser pouco conhecido e/ou traduzido no Brasil. A referência utilizada para tanto foi um *post* do *blog* “Edgar Allan Poe”, da tradutora Denise Bottmann (ver Anexo 2), que lista todos os contos de ficção de Poe e seus respectivos números de traduções publicadas no Brasil.

A intenção inicial era trabalhar um conto que nunca tivesse sido traduzido, mas como segundo o levantamento de Bottmann todos já haviam sido traduzidos pelo menos uma vez, foi considerado somente o grupo de contos com apenas uma tradução. Um total de 18 contos atendia

a esse critério. Daí foram criados mais dois critérios para afunilar a escolha: o conto deveria ser curto (não mais do que aproximadamente 10 páginas), uma vez que este é o tamanho médio dos contos mais traduzidos, e preferencialmente não ser um conto de horror, já que estes, como sabemos, são os mais conhecidos. A ideia é proporcionar ao público leitor a chance de descobrir um lado menos explorado de Poe. Em relação à questão do gênero, foi dada preferência a contos de Humor/Sátira, por ser este o gênero mais obviamente oposto ao que geralmente se associa a obra de Poe.

No entanto, os critérios de restrição de tamanho e gênero ainda não foram suficientes para a escolha de apenas um conto, pois dos 18 contos com apenas uma tradução, a maioria (13 contos) pertenciam ao gênero Humor/Sátira (ver Anexo 2). Desses 13 contos, 3 superavam a média de dez páginas, então restaram os seguintes 10 contos:

- “The Business Man”
- “Diddling Considered as One of the Exact Sciences”
- “Epimanes (Four Beasts in One)”
- “How to Write a Blackwood Article”
- “Lionizing”
- “Loss of Breath”
- “Mystification”
- “A Tale of Jerusalem”
- “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”
- “X-ing a Paragrab”

A partir daí os critérios de escolha foram elementos das narrativas em si, como termos potencialmente problemáticos, (estruturas arcaicas ou pouco utilizadas na língua, por exemplo) e itens de especificidade cultural; em suma, termos que representassem algum problema de

tradução em potencial, e o conto representasse o desafio mais interessante seria o escolhido. Além disso, era preferível que a história se apresentasse da forma mais diferente possível dos contos de horror e mistério, em termos de caracterização de personagens, enredo, etc. Nesta etapa, o conto que mais me chamou a atenção, sendo então o escolhido, foi “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” devido principalmente ao estilo singular de representação da fala e temática leve; ou seja, o oposto do que geralmente vemos nos trabalhos mais traduzidos de Poe. A versão utilizada aqui foi a publicada em *Tales of the Grotesque and Arabesque*, disponível no *website* da Edgar Allan Poe Society of Baltimore (ver Anexo 3).

Outro critério empregado marginalmente foi o fato da obra estar, segundo o Art. 96 do Capítulo V da lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sob a condição de domínio público. O fato da obra completa de Poe já pertencer ao domínio público³ foi mais um ponto favorável na escolha de ambos - conto e autor - como objetos de trabalho.

Um dado que encontrei nesse processo e que me chamou a atenção é que a maioria dos contos de Poe, como vemos na Tabela 1 a seguir, elaborada com base na organização do índice de *The Collected Tales and Poems of Edgar Allan Poe* (2009) e no levantamento de contos do *blog* de Denise Bottmann (ver Anexo 2), pertencem ao gênero textual Humor/Sátira.

³ A obra completa de Poe, e também alguns estudos sobre ele (em inglês), podem ser facilmente acessados pelo *website* da Edgar Allan Poe Society of Baltimore através do link <http://www.eapoe.org/works/index.htm>.

Tabela 1: Número de contos de cada gênero

Gênero	Nº de contos
Horror/Suspense	20
Humor/Sátira	26
Mistério/Investigação	7
Ficção Científica	7
Esboço	2
Fraude Jornalística	2
Fantasia	1
Ensaio	1
Romance	1
Aventura	1
	Total: 66

Porém, quando comparamos essas informações com o número de traduções de Poe no Brasil, como disposto abaixo na Tabela 2, elaborada da mesma forma que a Tabela 1, vemos o quão grande é a disparidade entre a quantidade de traduções de contos de Humor/Sátira versus os gêneros mais traduzidos. Percebemos, por exemplo, que os 7 contos classificados como sendo de Mistério/Investigação, o segundo gênero mais traduzido, possuem 122 traduções, enquanto os 26 contos de Humor/Sátira possuem apenas 72 traduções.

Tabela 2: Número de traduções de cada gênero

Gênero	Nº de traduções
Horror/Suspense	264
Humor/Sátira	72
Mistério/Investigação	122
Ficção Científica	23
Esboço	2
Fraude Jornalística	12
Fantasia	1
Ensaio	1
Romance	3
Aventura	8
	Total: 508

Como é possível ver no Anexo 2, o gênero Humor/Sátira inclui o maior número de contos, porém fica em terceiro lugar em número de traduções no Brasil; ou seja, proporcionalmente, é o gênero menos traduzido dentre a obra de Poe. Fazendo uma comparação, “The System of Doctor Tarr and Professor Fether”, o mais traduzido conto de humor, possui 11 traduções, contra 34 de “The Black Cat”, conto de horror mais traduzido, e 32 de “The Purloined Letter”, o mais traduzido conto detetivesco. Isto faz sentido quando pensamos que das histórias de Poe, as que geralmente recebem mais atenção são as de horror ou mistério, e estas acabam sendo também as mais traduzidas no Brasil. A ideia da vida curta e cheia de infortúnios do escritor, pontuada com um fim inesperado e até hoje sem explicação, pode ter contribuído também para esta realidade e a criação de um estigma sobre o autor, o que acaba dificultando o acesso à parte de sua obra que não pertence aos gêneros de horror e mistério. Daí a intenção deste trabalho de dar mais visibilidade a outras partes, em especial a humorística, de sua obra.

É importante notar também que dentre os já pouco conhecidos contos de humor, “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” é, além de um dos menos traduzidos, um dos contos menos incluídos em trabalhos acadêmicos e estudos da vida e obra de Poe. Isto também foi levado em conta na sua escolha como objeto de trabalho, pois já que faz parte dos objetivos dar visibilidade a obras menos conhecidas de Poe, fazia sentido escolher não só um dos contos menos traduzidos, mas também um que fosse pouco estudado.

Outro ponto também importante é o fato de a única tradução existente de “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” ter sido publicada em 1944, ou seja, tem quase 70 anos de idade. Não é minha intenção fazer qualquer julgamento de valor, mas é possível prever que uma tradução tão antiga seria lida com certa dificuldade pelo leitor contemporâneo; existe até mesmo a ideia de que “a tradução envelhece, mas o original não”. Dessa forma, a realização desta tradução comentada encontra respaldo também no desejo de fornecer uma tradução mais

moderna, com vocabulário e estrutura que possam ser mais facilmente compreensíveis para o leitor contemporâneo.

3.2 Sobre o projeto de tradução

Este trabalho representa o estudo piloto de um projeto de tradução de uma coletânea de contos de Poe que pretendo desenvolver futuramente, a princípio sozinha, mas a contribuição de colaboradores é bem vinda. Idealmente, segundo este projeto, a tradução aqui apresentada seria publicada, juntamente com uma seleção de outros contos de humor do autor, por uma editora brasileira comercial, compreendendo uma edição traduzida e comentada da obra em prosa de Poe em comemoração ao aniversário de seu nascimento, em 1809. Sendo assim, foram elaboradas diretrizes que condissessem com esta situação de publicação comercial, como a *aportuguesação* de certos termos e a utilização da norma padrão da língua portuguesa, além dos comentários serem publicados sob a forma de nota de fim, denominada Nota da Tradutora. Nesta edição, cada conto seria seguido de uma nota da tradutora que o situasse brevemente e que contivesse também comentários sobre seu processo de tradução. A escolha de “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, conto de humor pouco conhecido, para o estudo piloto teve base no desejo de dar mais visibilidade a este tipo de obra, e é justamente este o principal propósito do projeto da coletânea.

A Nota da Tradutora foi criada com o intuito de ser uma espécie de nota de fim, com menções de curiosidades sobre o conto, informações contextuais e algumas explicações de escolhas tradutórias. Diante da necessidade da publicação de tais elementos em conjunto com a tradução, restou-me escolher a forma em que elas apareceriam, e as duas opções consideradas foram a nota do tradutor e a nota de rodapé. Optei pela nota do tradutor por esta ser uma opção menos

invasiva, interferindo menos na fluidez do texto do que a nota de rodapé, mas decidi que a melhor forma de apresentá-la seria como nota de fim, assim o leitor poderia facilmente acessar as informações logo após a leitura ou passar para o conto seguinte, se desejar.

Passemos então a uma análise detalhada do conto escolhido, “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, e da importância deste passo para a realização da tradução.

3.3 A simbologia do conto

De prima importância para a tradução, me parece, é o que se encontra nas entrelinhas do texto, informações e detalhes nem sempre claros, mas que podem fazer toda diferença no que o leitor entende do texto. Uma compreensão mais aprofundada da obra influencia diretamente na forma como a tradução será feita; por isso, uma análise do conto me pareceu fundamental para a realização da tradução. O tradutor então, a meu ver, deve (dependendo, é claro, de seus objetivos e do que exige seu projeto de tradução) estar atento a tais sutilezas que no fim das contas são essenciais à compreensão da história como um todo. Nas palavras de Spivak (2000), o tradutor deve “se render ao texto”, e assim explorar melhor os limites da língua do texto que está traduzindo⁴. Sendo assim, esta seção pretende esmiuçar e expor elementos considerados importantes para a caracterização do conto e que influenciaram seu processo de tradução.

“Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” não figura entre as obras mais conhecidas ou típicas de Poe. Críticas e avaliações da obra geralmente variam de ‘pouco

⁴ First, then, the translator must surrender to the text. She must solicit the text to show the limits of its language, because that rhetorical aspect will point at the silence of the absolute fraying of language that the text wards off, in its special manner. (SPIVAK, 2000, p. 400, tradução minha)

importante' e 'ligeiramente sem sentido' a 'um divertido *jeu d'esprit*⁵ e 'um bom exemplo do senso de humor de Poe'. Vemos neste conto elementos relativamente recorrentes nas histórias humorísticas de Poe, como trocadilhos, brincadeiras com palavras e representações de fala (exemplos de tais características podem ser encontrados em outros contos, como “How to Write a Blackwood Article”, “The Devil in the Belfry” e “The Angel of the Odd”), elementos estes considerados como sutilezas importantes por representarem características essenciais dos contos.

São perceptíveis no conto características que remetem a elementos culturais irlandeses, o que pode ser associado à ascendência irlandesa de Poe, uma vez que, como mencionado na seção 1.1 *Sobre a obra e o autor* no caso de sua esposa Virginia, é possível perceber a influência que a história da vida do autor teve em sua obra. No caso dos elementos culturais irlandeses, isto pode ser verificado ao vermos sua dedicação ao reproduzir um *brogue*⁶ irlandês e até itens mais específicos. Exemplos de tais elementos são as referências à região irlandesa de Connaught e à “Kilkenny cat”, expressão que, como observa Mabbott (1978), provavelmente deriva de uma antiga lenda irlandesa em que dois gatos de Kilkenny, cidade ao sul da Irlanda, brigaram tão intensamente que apenas suas caudas sobraram. O próprio nome do personagem principal tem bastante potencial de significado: “Pathrick” pode ser visto como uma alusão ou homenagem a São Patrício (Saint Patrick), santo padroeiro e importante ícone cultural do país; já em “O’Grandison”, vemos a partícula *O’*, presente em diversos sobrenomes tipicamente irlandeses como O’Donoghue e O’Connell, e “Grandison”, onde temos a palavra *grand* como um indicador de grandeza, contribuindo para a construção do personagem egocêntrico, e *son*, sufixo comum na construção de sobrenomes em inglês, como vemos em “Anderson” e “Ferguson”. O nome de

⁵ Expressão de origem francesa que significa “exibição de inteligência e perspicácia, especialmente numa obra literária” (definição do Oxford Dictionaries Online, tradução minha).

⁶ “Determinada maneira de falar inglês, especialmente aquela de falantes irlandeses e escoceses” (definição do Cambridge Dictionary Online, tradução minha). Exemplos deste tipo de escrita dialetal irlandesa podem ser encontrados na peça *Juno and the Paycock*, de Seán O’Casey. ‘Paycock’ é uma representação de fala dialetal de ‘peacock’.

Mrs. Tracle também é bastante sugestivo, aludindo a “treacle”, que quer dizer “melaço”, espécie de calda escura e doce resultante do processo de refinação do açúcar bastante utilizado na culinária da Irlanda e do Reino Unido, contribuindo assim para que o leitor associe uma imagem de doçura à personagem.

Vale ressaltar aqui também que:

- ◆ O endereço do personagem principal (nº 39, Southampton Row, em Londres) é o mesmo da casa em que o próprio escritor viveu quando jovem.
- ◆ Poe pode ter encontrado inspiração em dois romances, com os quais provavelmente teve contato graças a sua carreira de crítico literário e presença ativa no mundo literário da época: *Jacob Faithful*, de Frederick Marryat, publicado em 1834, em especial a expressão “*woolez wous, parlez wous, plump in the mud*”, e Monsieur Poopoo, protagonista da coletânea de contos *The Little Frenchman and His Water Lots* de George Pope Morris, publicada em 1838. Mabbott (1978) argumenta que o personagem de Morris foi a principal fonte de inspiração de Poe.

Estruturalmente, o conto é simples, podendo ser essencialmente resumido ao interesse de *Sir Pathrick* pela linda vizinha viúva e sua disputa com o francesinho pelas atenções dela, com o elemento cômico principal sendo *Sir Pathrick* pegar a mão de Mounseer Maiter-di-dauns pensando ter pego a de Mrs. Tracle. Entre os elementos potencialmente cômicos estão a representação do *brogue* e maneirismos de expressão utilizados por *Sir Pathrick*, além da animosidade entre ele e Mounseer Maiter-di-dauns causada pelo mútuo interesse por Mrs. Tracle.

Vejamos agora na subseção seguinte, *3.4 Orientações e diretrizes*, o plano de tradução elaborado para este trabalho.

3.4 Orientações e diretrizes

Um dos principais conceitos que guiaram este trabalho foi o de projeto de tradução como proposto por Berman em *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995). Berman acredita que toda tradução deve ser fundamentada num projeto ou objetivo articulado, onde tal projeto ou visão é determinado tanto pela posição do tradutor quanto pelas exigências específicas do texto a ser traduzido, e define como a tradução será executada⁷. Sendo assim, o projeto de tradução integrante deste trabalho, explicitado a seguir, foi elaborado tendo em mente tudo que já foi discutido até aqui, do estilo literário de Edgar Allan Poe a questões relacionadas ao projeto de publicação.

A ideia central do plano de tradução foi procurar uma forma de conciliar a representação de escrita do dialetal e as exigências do projeto de publicação, em especial questões relacionadas ao uso do registro da língua portuguesa. Começando pelo conceito de visibilidade, apresentada por Venuti (1995), onde o tradutor marca sua presença no texto em forma de notas, prefácios, aspectos estilísticos, entre outros. Associada ao conceito de invisibilidade, Venuti apresenta a ideia de estrangeirização e domesticação, abordagens essencialmente opostas que são mais ou menos utilizadas pelo tradutor de acordo com o que exige o seu projeto de tradução e/ou seu desejo de estar mais visível ou invisível no texto traduzido, o que também envolve questões estilísticas e de transparência, ou nível de fluidez do texto. Ao discutir a visão de Schleiermacher sobre tradução, Venuti (1995, p. 24) diz que “a noção de estrangeirização pode alterar o modo

⁷ “Toute traduction conséquente est portée par un projet, ou visée articulée. Le projet ou visée sont déterminés à la fois par la position traductive et par las exigences à chaque fois spécifiques posés par l’oeuvre à traduire. [...] Le projet définit la manière don’t, d’une part, le traducteur va accomplir la *translation* littéraire, d’autre part, assumer la traduction même, choisir un « mode » de traduction, une « manière de traduire ».” (BERMAN, 1995, p. 76, tradução minha)

como as traduções são lidas e produzidas, pois assume um conceito de subjetividade humana bem diferente dos pressupostos ligados à domesticação”⁸. Ou seja, antes de começar a tradução, eu deveria escolher minha posição em relação à invisibilidade, levando em conta não só minhas visões de como esta tradução seria realizada, mas também as exigências específicas da situação de publicação e do texto em si, e assim colocar minha postura como mais domesticadora ou mais estrangeirizadora, ou ainda buscar um equilíbrio entre ambas abordagens.

Para a tradução aqui proposta de “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, a posição adotada quanto à questão da visibilidade do tradutor foi a busca do meio termo, um equilíbrio entre estrangeirização e domesticação. No entanto, considerando a presença da Nota da Tradutora, além da utilização ao menos em parte da abordagem estrangeirizadora, pode-se argumentar que no caso deste trabalho, houve uma grande visibilidade do tradutor.

A ideia era ter uma posição mais domesticadora em relação à parte mais linguística do texto, i.e. respeitar a estrutura padrão do português para evitar causar estranhamento, e traduzir termos já estabelecidos na língua por suas traduções mais consagradas, como “Barronit” e “London”, que serão traduzidos respectivamente por “Baronete” e “Londres”; e usar a estrangeirização em itens de especificidade cultural, mantendo algo do texto original para que não se perca de vista o fato de que se trata de um tradução nem a essência semântica do texto, como é o caso de “Connaught”, região da Irlanda onde o personagem principal do conto nasceu e foi criado.

Por “itens de especificidade cultural”, entendam-se:

[...] itens atualizados textualmente cuja função e conotações num texto de partida envolvem um problema de tradução em sua transferência para um texto de chegada, sempre que este problema for um produto da não

⁸ “The notion of foreignization can alter the ways translations are read as well as produced because it assumes a concept of human subjectivity that is very different from the humanist assumptions underlying domestication.” (VENUTI, 1995, p. 24, tradução minha)

existência do referido item ou de seu diferente *status* intertextual no sistema cultural dos leitores do texto de chegada⁹. (AIXELÁ, 1996)

São então considerados itens de especificidade cultural os nomes próprios (de pessoas, lugares, instituições, etc.) e elementos textuais restritos a determinada cultura, como nomes de objetos ou ditados populares. No entanto, como explicarei a seguir, aqui não foi este o caso das gírias e expressões dialetais.

Vale salientar aqui que, embora os conceitos de dialeto e gíria tenham mais afinidade com a noção de itens de especificidade cultural, na realização da tradução aqui proposta de “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” tais elementos foram tratados como itens linguísticos, ou seja, foram traduzidos seguindo uma visão mais domesticadora, por questões estilísticas. Por se tratar de um texto humorístico, não seria ideal exigir um conhecimento elevado do leitor, o que muitas vezes acontece numa tradução mais estrangeirizadora; por isso preferi traduzir os termos, já que mantê-los poderia deixar o texto truncado e difícil de entender, o que atrapalharia sua fluidez e, conseqüentemente, acabaria tendo impacto no aspecto cômico do conto, que desta forma poderia até perder sua essência cômica.

Agora atingimos um nível mais profundo do projeto, o tratamento de termos específicos. Uma vez decidido como a tradução seria feita, precisei elaborar diretrizes de tradução para determinados termos, especialmente os potencialmente problemáticos, como os itens de especificidade cultural. Destaco aqui as expressões dialetais, ou representações escritas de fala dialetal, e gírias. Santos (2012) define dialeto e gíria da seguinte forma:

[...] o **dialeto** pode ser considerado uma **variação linguística** não padrão relacionada ao usuário e a **gíria** pode ser considerado um componente **do léxico** passível de ser usado em diversas situações de uso não formais (ou seja, em diferentes registros escritos na variante não padrão) e por

⁹ “(...) Those textually actualized items whose function and connotations in a source text involve a translation problem in their transference to a target text, whenever this problem is a product of the nonexistence of the referred item or of its different intertextual status in the cultural system of the readers of the target text.” (AIXELÁ, 1996, p. 58, tradução minha)

usuários diferentes (ou seja, em diversos dialetos), dependendo das afiliações a que esse usuário escolher. (SANTOS, 2012, p. 174, grifos da autora)

Assim, em “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” temos como exemplos de representação escrita de fala dialetal “meself/mesilf” (‘myself’) e “wakes” (‘weeks’), e como exemplos de gíria “peepers” (‘olhos’) e “bog” (‘região interiorana, geralmente uma área rural’). A autora ainda diz que dialeto e gíria têm em comum “o seu caráter não padrão que pode se constituir em um desafio de tradução” (SANTOS, 2012, p. 174).

Em sua pesquisa, quando fala de como as tradutoras de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* para o português do Brasil e de Portugal reduziram marcas dialetais na fala de Hagrid, Santos apresenta os três motivos hipotéticos que ela acredita estarem por trás disso:

“(i) às dificuldades em se traduzir um dialeto da língua fonte, fortemente ligado à características socioculturais de um país; (ii) à censura imposta pelo mercado editorial à manifestações que se afastem demasiadamente da variante padrão; e (iii) à possibilidade de se atingir um efeito diferente do pretendido no original, como a artificialidade ou comicidade, por exemplo.” (SANTOS, 2012, p. 179)

Tais motivos são relevantes aqui porque são questões que também foram levadas em conta na realização da minha tradução. Pensando nisto, minha intenção foi encontrar uma forma de conciliar tais questões com a importância da representação escrita do dialeto e gírias para a caracterização do personagem e o desejo de manter sua essência, de forma a evitar justamente o que Santos (2012) chama de artificialidade ou comicidade¹⁰.

Destaco agora alguns termos e trechos que merecem atenção por representarem problemas ou desafios encontrados não durante a fase de leitura e compreensão, mas já na fase de tradução, e que exigiram um pouco mais de planejamento, pesquisa e até criatividade para que os problemas ou desafios que representam fossem resolvidos. Por exemplo, o trecho “and it’s them that’s all o’

¹⁰ Para termos uma ideia do que seria comicidade, Santos nos pede para “imaginar a tradução do dialeto de Hagrid por um dialeto do interior de São Paulo, do Rio Grande do Sul ou da Bahia, por exemplo.” (SANTOS, 2012, p. 174)

pink satin paper” e o nome da personagem Mrs. Tracle. No caso do trecho, trata-se de um exemplo em que é possível perceber um insuficiente nível de letramento¹¹ do personagem. Considerando isto um importante fator de caracterização do personagem, decidi mantê-lo de alguma forma, e as estratégias escolhidas foram de utilizar erros esporádicos de concordância e ortografia, e também estruturas verbais mais simples e utilizadas na oralidade (por exemplo, traduzindo “get the upper hand of” por “tomar conta de” ao invés de “superar”, ou utilizando “tinha” ao invés de “teria” ou “havia”) de forma que fossem mantidos de alguma forma os maneirismos verbais do personagem sem que isso entrasse demais em conflito com a questão da censura a variantes não padrão da língua portuguesa. Assim, o trecho “and it’s them that’s all o’ pink satin paper”, por exemplo, foi traduzido por “e é daqueles que é todo de papel acetinado rosa”, mantendo, desta forma, o plural expressado em desacordo com as regras gramaticais (o correto segundo a norma culta seria ‘them that *are*’ para o inglês, e ‘daqueles que *são*’ para o português). É perceptível que esta estratégia vai de encontro à ideia inicialmente proposta de respeitar a estrutura padrão da língua portuguesa, no entanto, essa exceção à regra foi criada porque considerei a caracterização do personagem indispensável para o potencial semântico da

¹¹ Por letramento aqui, entenda-se conhecimento e aplicação prática de regras gramaticais e estruturas e conceitos da norma culta padrão da língua. Refiro-me à hipótese de que, por ter acabado de se mudar de uma região essencialmente rural para um grande centro industrial, durante o século XIX, onde nasceu e foi criado, como próprio *Sir Pathrick* nos conta na história, o personagem provavelmente teve pouco estudo formal da língua. No entanto, esta falta de conhecimento formal não deve ser confundida com dialeto ou maneirismos verbais. A diferença está na consciência, por assim dizer: o falante com um conhecimento formal razoável da língua sabe que dizer “daqueles que é”, por exemplo, está gramaticalmente incorreto e que o correto é “daqueles que são”, mesmo que ele, ao se expressar oralmente com outros falantes, fale assim; isto é o que chamo de maneirismo verbal. O falante que possui pouco ou nenhum conhecimento formal da língua fala “daqueles que é” sem ter consciência de que para a gramática isto está errado, pois ele não conhece a gramática o suficiente; aqui já ultrapassamos a linha do maneirismo verbal ou dialeto, e já caracteriza o que chamo de nível baixo de letramento, ou como coloca Santos (2012), uma variação não-padrão da língua. Considerei que o caso de *Sir Pathrick* é o segundo devido a sua origem, mas vale lembrar que essa classificação que acabei de apresentar serve apenas para diferenciar a noção de letramento da de maneirismo verbal e dialeto a fim de explicar as estratégias de tradução que adotei, e que não é a minha intenção aplicar nenhum tipo de juízo de valor a qualquer forma de expressão.

história. Assim, o uso esporádico de erros gramaticais e ortográficos se explica pela decisão de dar maior importância à caracterização do personagem.

Já no caso de Mrs. Tracle, o problema foi encontrar uma forma de não perder o trocadilho que seu nome representa, ou seja, a ‘doçura’ de sua personalidade, uma vez que ‘treacle’ significa ‘melaço’. A solução que encontrei foi traduzir “Tracle” por “Maskhavo”, sobrenome que foi escolhido meramente pelo fato de que pode facilmente ser pronunciado pelo leitor brasileiro como “mascavo”, sendo uma referência ao açúcar tipo mascavo e mantendo assim o sentido geral do trocadilho. Aqui o caso é semelhante ao de “and it’s them that’s all o’ pink satin paper” discutido acima; de novo a questão da caracterização do personagem criou um conflito com algo inicialmente estabelecido na política de tradução, desta vez no que diz respeito à tradução de nomes próprios. Como o jogo de palavras presente no nome da personagem é indispensável para a construção de sua imagem na mente do leitor, preferi abrir uma exceção à regra de não traduzir nomes a perder o significado inerente ao nome e, conseqüentemente, perder um elemento tão importante de construção da personagem.

A regra inicialmente pensada de não traduzir nomes acabou sendo a menos cumprida, uma vez que considerei a caracterização dos personagens e ambientação da história mais importantes do que a intenção inicial de manter os nomes próprios, o que aconteceu com dois dos três personagens principais. Outro caso, além do de Mrs. Tracle, em que houve tradução de nomes foi o do personagem do francesinho. No conto original de Poe, ele é apresentado como “Mounseer, the Count, A Goose, Look-aisy, Maiter-di-dauns”, mas seu nome foi traduzido por “Mounsier o Conde Oguste Luquesí Maiter-di-dauns” por questões estilísticas. Como todo o conto é escrito num estilo de representação de fala, o nome do francesinho não seria diferente. Pensando que um leitor brasileiro provavelmente leria o nome original com dificuldade, achei que seria melhor *abrasileirá-lo* um pouco. Mabbott (1978) acredita que o nome verdadeiro do

personagem seja Auguste Luchesi, o que parece bastante plausível. Sendo assim, pensei em como um leitor brasileiro, supostamente numa tentativa de imitar um sotaque francês, pronunciaria o nome do Conde Monsieur Auguste Luchesi, Maître de danse, da forma como o personagem Pathrick o fez em seu próprio sotaque. A solução encontrada foi “Mounsier o Conde Oguste Luquesí Maiter-di-dauns”.

Da mesma forma, para traduzir as gírias, a estratégia escolhida foi procurar gírias brasileiras equivalentes ou semelhantes em significado e que pudessem ser reconhecidas por leitores de qualquer região ou estado, evitando assim, também, o conceito de comicidade apresentado por Santos (2012); ou seja, evitando associar o personagem a determinado estado ou região brasileira. Exemplos são “spalpeen”, traduzido por “danado” e “mequetrefê”; “down in the mouth”, traduzido por “brocoxô”, variação de *borocoxô*; e “divilish lingo”, traduzido por “palavriado”, variação de *palavreado*. Pesquisas no *website* de buscas *Google* e na sua ferramenta *Google Trends*, que verifica tendências de tópicos de pesquisa, foram realizadas para comprovar que as traduções escolhidas eram realmente utilizadas em português, por pessoas de diversos estados brasileiros, com sentidos semelhantes aos das expressões encontradas no texto de partida. A exceção foi “plump in the mud”, expressão que intriga muitos leitores deste conto, inclusive estudiosos da obra de Poe. No entanto, até hoje não se tem certeza de seu significado, e aqui a expressão foi traduzida por “charabiá”, variação de *charabia*, palavra de origem francesa que significa “linguagem estranha, incorreta ou incompreensível”¹².

Vale mencionar aqui também o termo “Frog”. A palavra “frog”, em inglês, significa “sapo”, mas quando *Sir Pathrick* chama seu rival de “Mounseer Frog”, ele provavelmente está se referindo ao apelido, de origem antiga e incerta e considerado ofensivo, dado aos franceses pelos ingleses. Como não possui uma tradução semelhante em português (a palavra “gringo” foi considerada,

¹² Definição do dicionário Larousse Online, tradução minha.

mas logo descartada por não possuir a carga semântica negativa de “frog” nesta situação), o termo foi então traduzido por “francesinhozinho”, que, com o diminutivo reforçado, pode ser interpretado com este sentido negativo associado a “frog”, uma vez que, no português, o uso do diminutivo pode ser uma estratégia para expressar uma prosódia semântica negativa. Outro caso com um animal em que houve choque cultural foi “Kilkenny cat” que, como explicado anteriormente, se refere à lenda irlandesa dos raivosos gatos de Kilkenny. O termo foi traduzido por “onça”, uma vez que este felino transmite o sentido ferocidade com mais facilidade para o leitor brasileiro, na ocasião de seu provável desconhecimento da lenda.

Com estas explicações em mente, passemos agora para a tradução em si, para vermos o resultado final do planejamento e das estratégias executadas.

4. A Tradução

Esta seção inclui “Porque o francesinho está com a mão na tipoia”, a tradução do conto “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, seguida da Nota da Tradutora. Como foi dito anteriormente, a Nota da Tradutora foi elaborada para funcionar como uma nota de fim, com intuito de contextualizar a obra, informando o leitor sobre curiosidades e escolhas tomadas durante o processo de tradução. A nota e tradução serão apresentadas a seguir da forma como seriam publicadas de acordo com o projeto descrito anteriormente na subseção 3.2 *Sobre o projeto de tradução*.

PORQUE O FRANCESINHO ESTÁ COM A MÃO NA TIPOIA

É nos meus cartões de visita, com certeza (e é daqueles que é todo de papel acetinado rosa) que qualquer cavalheiro que queira pode ver as interessantes palavras “*Sir Pathrick O’Grandison, Baronete, Southampton Row, nº 39, Russel Square, Distrito de Bloomsbury.*” E caso você queira descobrir quem que é um poço de polidês e o ditador do *hou ton* na cidade de Londres todinha - ora, sou eu mesmo. E não é de se espantar, não não, então pode parar de entortar o nariz, pois em cada segundo das seis semanas que eu tou sendo um cavalheiro, e larguei a caipirice pra assumir a Baronetice, é Pathrick que tá vivendo como um imperador sagrado, e com tudo que tem direito. Ora! E não seria uma bênça pros seus espíritos se você pudesse botar seus olhinhos em *Sir Pathrick O’Grandison, Baronete*, quando ele tá todo arrumado pra ir pra ópera, ou subindo na charrete pra dar uma volta no Hyde Park? Mas é a figura grande e elegante que eu tenho que é a razão que as moças todas se encantam por mim. E não é a minha doce pessoinha que agora mede uns dois metros, e ainda mais um pouquinho com a sola do sapato, que é extremamentemente bem proporcionado da cabeça aos pés? E realmente é o metro e meio, ou sei lá, do velho francesinho estrangeiro que mora ali do outro lado da rua, e que fica de olho comprido (o maldito) pra cima da linda viuvinha Senhora Maskhavo, que é a minha vizinha (abençoada seja) e mais distinta amiga e conhecida? Você percebe que o mequetrefezinho anda meio brocoxô, e tá com a mão esquerda numa tipoia; e é por isso mesmo, com a sua licença, que eu vou lhe dizer o motivo.

A verdade do negócio é bem simples; no primeiro dia que eu cheguei de Connaught e mostrei minha doce pessoinha na rua da viuvinha, que tava olhando

pela janela, foi um caso perdido pro coração da linda Senhora Maskhavo. Eu vi logo de cara, sabe, sem mentira nenhuma, e essa é a mais pura verdade. Primeiro ela abriu a janela num instante, e aí ela arregalou os olhos, botou uma lunetinha dourada na frente de um deles e que um raio me parta se ele não me disse, tão claro como um olho pode dizer, ele disse, de trás da lunetinha:

- Ora! Muitos bons dias pra você, *Sir Pathrick O'Grandison*, Baronete, meu querido; e que belo cavalheiro você é, com certeza, e sou eu mesma que vou estar a sua disposição, meu caro, a qualquer hora do dia, sim sim, é só você pedir.

E sou eu mesmo que você nunca ia passar pra trás na polidês; então eu fiz uma reverência que ia fazer você chorar, e aí eu tirei meu chapéu com um floreio e pisquei bem forte pra ela com os dois olhos, como que pra dizer:

- É verdade, que doce criatura você é, Sra. Maskhavo, minha querida, e que eu me afogue num pântano se não sou eu mesmo, *Sir Pathrick O'Grandison*, Baronete, que vai fazer muitos dos amores com a sua senhoria, num piscar de olhos numa pureza digna de Londonderry.

E aí na manhã seguinte, é claro, enquanto eu pensava se mandar um bilhete no estilo numa carta de amor pra viuvinha não seria a coisa mais polida de se fazer, me aparece o menino dos recados com um cartão elegante, e ele me disse que o nome que tinha ali (já que eu nunca consegui ler a impressão porque era canhoto) era de um tal Mounsier o Conde Oguste Luquesí, Maiter-di-dauns, e que esse palavriado todinho era o nome do danado do francesinho estrangeiro que morava do outro lado da rua.

E aí me aparece o próprio vilãozinho, faz uma reverência meio exagerada, e diz que ele tinha se dado a liberdade de me dar a honra de vir falar comigo, e aí começou a falar sem parar, e eu não entendi bulhufas do que ele tava dizendo, não não, a não ser a parte onde ele disse:

- Parlê-vu, vulê-vu - ele disse, e mais um monte de mentira, o maldito, e disse que ele tava cheio de amores pela minha viuvinha, a Senhora Maskhavo, e que a viuvinha tava gostando *dele*.

Depois de ouvir isso eu fiquei vermelho de raiva, juro a você, mas aí eu lembrei que eu era *Sir Pathrick O'Grandison*, Baronete, e que não seria nada gentil deixar a raiva subir e tomar conta da polidês, então eu deixei pra lá e tentei ser amigável com o cara, e depois de um tempo o que é que ele faz? Me pede pra ir com ele ver a viuvinha, dizendo que ele ia me apresentar pra senhoria dela com toda pompa.

- Sério mesmo? - eu disse pra mim mesmo - E é verdade Pathrick, que você é o

mortal mais sortudo do mundo. Vamos ver, meu querido, se é da sua doce pessoa, ou se é do Mounsierzinho Maiter-di-dauns que a Senhora Maskhavo gosta mesmo.

E com isso a gente foi visitar a viuvinha, na casa do lado, e você bem que pode dizer que era um lugar chique - porque era. Tinha carpete no chão todinho, e num canto tinha um piano e uma harpa e mais sei lá o quê, e aí num outro canto tinha um sofá, a coisa mais linda, e sentada lá, é claro, tava a anjinha da Sra. Maskhavo.

- Muitos bons dias pra você, Sra. Maskhavo - eu disse, e aí eu fiz uma reverência tão elegante que tinha deixado você com cara de tacho.

- Vulê-vu, parlê-vu, charabiá - disse o francesinho estrangeiro - e com certeza, Sra. Maskhavo - isso ele disse mesmo - esse cavalheiro aqui é sua reverência *Sir Pathrick O'Grandison*, Baronete, e não é ele mesmo que é o meu amigo e conhecido mais especial que eu tenho no mundo inteiro?

E com isso a viuvinha levanta do sofá e faz a reverência mais lindinha que eu já vi, e depois senta de novo como um anjinho, e aí, minha nossa, o danado do Mounsier Maiter-di-dauns sentou a pessoa dele bem do lado direito dela. Ora essa! Eu fiquei com tanta raiva que achei que fosse explodir. Mas aí eu disse:

- Mas ora essa! - eu disse depois de um tempo - Sério mesmo, Mounsier Maiter-di-dauns?

E aí eu sentei do lado esquerdo da senhoria dela, pra ficar igual com o safado. Mas olha só! Teria feito bem pro seu coração ver a elegante piscadela que eu dei de pertinho pra ela com os dois olhos bem nessa hora.

Mas o velho francesinho nunca suspeitou de mim, não não, e ele tava doido pra fazer dos amores com a Sra. Maskhavo.

- Vulê-vu, parlê-vu - ele disse - charabiá.

- Tem pra quê isso não, Mounsier Francesinhozinho, meu querido - eu pensei.

E aí eu comecei a falar bem muito e o mais rápido que eu conseguia, e era eu mesmo que tinha a atenção toda da viuvinha, por causa da elegante conversa que eu tava tendo ali com ela sobre os belos campos de Connaught. E de vez enquanto ela me dava um sorrisinho tão doce, de um canto da boca até o outro, e isso me deixou corajoso feito um touro, e aí eu peguei a ponta do dedinho dela do jeitinho mais delicado do mundo, olhando pra ela do fundo dos meus olhos.

Mas aí pra você ver a fofura dessa anjinha tão doce, assim que ela viu que eu tava atrás de apertar o dedinho dela, ela soltou e botou a mão pra trás, como se

tivesse dizendo:

- Ora *Sir Pathrick O'Grandison*, não faz isso, meu querido, não é muito gentil ficar atrás de apertar o meu dedinho assim bem na frente do francesinho estrangeiro Mounsier Maiter-di-dauns.

E com isso eu dei uma grande piscadela pra ela como se eu dissesse:

- Pode deixar que *Sir Pathrick* cuida disso.

E aí eu botei a mão na massa, e você ia ter aplaudido o jeito tão inteligente que eu botei o braço entre o sofá e as costas da Sra. Maskhavo, e ali, é claro, eu achei um lindo dedinho me esperando como se dissesse:

- Muitos bons dias, *Sir Pathrick O'Grandison*, Baronete.

E não foi eu mesmo, é claro, que deu um apertinho assim de nada, só um primeiro passo, pra não ser bruto com a dama? E ora essa, mas olha só, e eu não ganhei de volta o apertinho mais gentil e delicado do mundo?

- Pelas barba do profeta, *Sir Pathrick*, meu querido - eu pensei - olha só se você não é o caipira mais lindo e sortudo que já saiu de Connaught!

E com isso eu apertei o dedinho com mais força - e minha nossa, o aperto que a Sra. Maskhavo me deu de volta foi forte do mesmo jeito. E você ia ter se esborrachado de rir de ver como Mounsier Maiter-di-dauns tava se achando naquela hora. Começou a falar com a Sra. Maskhavo cheio dos blablablá, e dos sorrisinho, e dos parlê-vu como nunca se viu nesse mundo, e que um raio me parta se não foi meus dois olhinhos que pegou ele piscando de um olho só pra ela. Ora essa! E se não foi eu mesmo que ficou brabo feito uma onça eu não sei quem foi!

- Me deixe eu lhe dizer, Mounsier Maiter-di-dauns - eu disse, polido como você nunca viu - que não é uma coisa gentil, não não, e não pro seu tipo de qualquer jeito, ficar de olho comprido pra Sra. Maskhavo assim desse jeito.

E com isso eu dei outro aperto no dedinho dela, como se eu tivesse dizendo:

- Não é *Sir Pathrick*, minha joia querida, que vai proteger você agora?

E lá veio mais um aperto de volta, como se respondesse:

- É verdade, *Sir Pathrick* - ele disse, tão claro como um aperto pode ser nesse mundo - É verdade, meu querido, e que cavalheiro certinho você é, é a mais pura verdade - e com isso ela arregalou bem muito os olhos, e primeiro ela parecia braba

feito uma onça com o Mounsier Francesinhozinho, mas depois ela abriu um sorriso pra mim.

- Então - disse ele, o vilãozinho - Orra essa! E um vulê-vu, parlê-vu - e com isso ele subiu os dois ombros quase até cobrir a cabeça e entortou os cantos da boca pra baixo, aí eu não consegui mais tirar nenhuma satisfação do danado.

Acredite, minha joia, era *Sir* Pathrick que tava doidinho, e mais ainda porque o francesinho não parava de dar piscadela pra viuvinha; e a viuvinha não parava de apertar o meu dedo, parecia que tava dizendo:

- Dá-le *Sir* Pathrick O'Grandison, meu querido.

Então eu falei bem bruto, é claro:

- Ora seu francesinho safado, mequetrefe duma figa!

E aí com isso o que que a viuvinha faz? Pois é, ela pula do sofá como se um bicho tivesse mordido ela e correu pela porta, enquanto eu virava a cabeça atrás dela com a maior cara de tacho, oras, e seguia ela com os meus olhos. Você percebe que eu tinha motivo pra saber que não tinha como ela ter corrido daquele jeito, porque eu sabia muito bem que eu ainda tava segurando a mão dela, e nada nesse mundo ia fazer eu soltar. E eu disse:

- Não acha que tem alguma coisa errada aqui não, minha senhora? Ora, volte aqui, minha querida, que eu devolvo seu dedinho.

Mas lá foi ela descendo a escada feito uma bala, e aí eu virei pro francesinho estrangeiro. Ora essa! E não era o dedinho do mequetrefe que eu tava segurando na minha mão, ora bolas, sim sim.

Pode até não ter sido eu que se esborrachou de rir de ver a cara dele quando ele viu que não era a mão da viuvinha que ele tava segurando, mas a de *Sir* Pathrick O'Grandison. Nunca vi maior cara de vontade nesse mundo do que a dele quando tava fazendo carinho! Mas pra *Sir* Pathrick O'Grandison, Baronete, não combina com o tipo dele fazer confusão por causa de besteira. Você pode até dizer, porque é a mais pura verdade, que antes de soltar o dedo do mequetrefe (o que só foi depois que os criado da viuvinha chutou a gente pra fora) eu dei um apertão bem forte mesmo, que fez tudo virar geléia.

- Vulê-vu puvê-vu - ele disse - ai carramba!

E essa é a verdade do motivo dele tá com a mão esquerda numa tipoia.

Nota da Tradutora

Publicada pela primeira vez em 1840, no Volume II de *Tales of the Grotesque and Arabesque*, “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, cuja presente tradução foi intitulada “Porque o francesinho está com a mão na tipoia”, é um dos contos que a maioria jamais atribuiria à autoria de Edgar Allan Poe, o que é compreensível considerando que esta é uma de suas histórias que mais de distanciam das de horror e mistério que tanto conhecemos. Este curto conto narra a disputa entre *Sir Pathrick O’Grandison*, um recém-intitulado Baronete originário dos mais interioranos campos da Irlanda, e um conde francês pela afeição de uma dama londrina, sob o ponto de vista do Baronete. Por ser uma história humorística e bem leve, que em nada lembra os horrores de “O Poço e o Pêndulo”, por exemplo, ou mesmo o clima detetivesco de “O Mistério de Marie Rôget”, esta singela amostra do senso de humor de Poe acaba muitas vezes sendo negligenciada tanto em traduções quanto em estudos de sua obra.

O conto chama a atenção pelo estilo de narração: *Sir Pathrick* nos conta a história em seu próprio ponto de vista, através de seu forte sotaque irlandês, e o principal desafio em traduzi-lo foi justamente o de encontrar uma forma de transpor esta narração dialetal para o português, procurando um equilíbrio entre representação da oralidade e norma culta da língua que não ameaçasse o tom cômico da história nem a caracterização dos personagens. Diante do desafio de traduzir a fala de um irlandês campestre para o português de hoje, eu precisei tomar decisões que exigiram certo jogo de cintura. A começar pela própria escrita em forma de dialeto: o uso de “meself/mesilf” ao invés de “myself” (“eu/mim mesmo”), “purliteness” ao invés de “politeness” (“polidez”), “swate” ao invés de “sweet” (“doce”), e por aí vai. Além disso, para condizer com o personagem originário de uma área rural e que, considerando suas origens e a época em que se passa a história, provavelmente teve pouco estudo formal da língua, foram utilizadas expressões erradas segundo o registro padrão da língua, como “polidês”, “extremamente” e “daqueles que é”.

O nome da Sra. Maskhavo foi um dos casos que exigiu pesquisa e criatividade. Seu nome original é Mrs. Treacle. “Treacle”, em inglês, significa “melaço”. Na busca de uma forma de manter o trocadilho, importante para construir a imagem da personagem, tive que descumprir a regra inicialmente estabelecida de não traduzir nomes. Assim, precisei procurar um sobrenome que pudesse ter um efeito

semelhante; “Maskhavo” foi o que melhor resolveu a situação.

Também merece menção o caso de “Kilkenny cat”. O termo provavelmente se refere a uma lenda irlandesa em que dois gatos de Kilkenny, cidade ao sul da Irlanda, lutaram com tanta ferocidade que apenas seus rabos restaram, mas aqui foi traduzido por “onça”, já que, para o brasileiro, a onça é o felino mais comumente associado a uma ideia de ferocidade. Outras gírias que exigiram pesquisas foram “spalpeen”, traduzido por “danado” e “mequetrefe”; “down in the mouth”, traduzido por “brocoxô”, variação de *borocoxô*; e “divilish lingo”, traduzido por “palavriado”, variação de *palavreado*. Evitei também o uso de gírias que fossem muito utilizadas numa só região ou estado do Brasil, para que *Sir Pathrick* não soasse baiano, ou paulistano, por exemplo.

É importante notar também a carga de significado do nome de *Sir Pathrick*. Assim como em *Mrs. Tracle*, vemos aqui um exemplo dos jogos de palavras e trocadilhos presentes em muitas das obras humorísticas de Poe: “Pathrick” pode ser uma alusão ou homenagem a São Patrício (Saint Patrick), santo padroeiro e importante ícone cultural da Irlanda; já em “O’Grandison”, vemos a partícula *O’*, presente em diversos sobrenomes tipicamente irlandeses como O’Donoghue e O’Connell, e “Grandison”, onde temos *grand* indicando uma ideia de grandeza, e *son*, sufixo comum na construção de sobrenomes em inglês, como em Anderson e Ferguson. Isto pode ainda ser relacionado à forte ascendência irlandesa de Poe; tanto seu pai como sua mãe eram descendentes de irlandeses. Ainda na seção coincidências (ou não) temos o endereço do Baronete, o nº 39, Southampton Row, em Londres: é o mesmo da casa em que o próprio Poe morou quando jovem, na temporada que passou no Reino Unido. Vemos assim o quanto ajuda quando o tradutor consegue se aprofundar na rede de significados do texto; cada informação que se descobre pode ser preciosa para uma compreensão mais abrangente da obra de forma geral, e, conseqüentemente, é indispensável para a realização de uma tradução.

Embora os contos de horror e mistério levem toda a fama, a maior parte dos contos que Poe escreveu é de tom humorístico, ou satírico. E dentre esses contos, “Porque o francesinho está com a mão na tipoia” é um dos menos conhecidos e traduzidos. Espero que a publicação desta tradução ajude a mudar esta realidade, assim mais pessoas poderiam ter acesso não só a este conto, mas também a outros que normalmente estão indisponíveis ou difíceis de se encontrar no mercado.

Naiara R. de Brito

5. Considerações Finais

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo central contribuir, através da realização e explicitação das escolhas tradutórias de uma tradução comentada do conto humorístico “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”, para área de tradução literária comentada e para a bibliografia traduzida no Brasil do escritor americano Edgar Allan Poe. Como vimos, o conto foi escolhido ao se destacar por sua narração em forma de representação de fala dialetal após passar por uma série de critérios, e então traduzido para o português brasileiro, ganhando o título “Porque o francesinho está com a mão na tipoia”. O plano de tradução, desenvolvido com base nos ideais de projeto de tradução de Berman (1995) e nos conceitos de invisibilidade e domesticação VS. estrangeirização de Venuti (1995), estabeleceu diretrizes que incluíam desde o projeto de publicação, que por si só já estabeleceu uma série de orientações específicas, até estratégias de tradução de itens de especificidade cultural e resolução de problemas de tradução.

Temos então a tradução em si, “Porque o francesinho está com a mão na tipoia”, seguida da Nota da Tradutora, elaborada com base nas exigências do projeto de publicação, que foi um dos nortes da política de tradução deste trabalho. Vimos como o planejamento da política de tradução e a análise do conto foram de extrema importância para que a tradução corresse bem, mesmo que algumas diretrizes pré-estabelecidas tenham sido descumpridas, como foi o caso da tradução de nomes próprios. Acredito que em certos casos, é melhor questionar os limites impostos pela política de tradução, ou adotar uma política que não imponha limites extremamente rígidos, quando segui-la resultaria numa tradução que deixaria o tradutor insatisfeito com seu trabalho, ou que acabaria por não atender as exigências do cliente, público alvo ou propósito central da tradução.

As dificuldades encontradas durante a realização do trabalho, como as pesquisas necessárias para a compreensão de certos termos e expressões presentes no texto e a eventual necessidade de adaptação da política de tradução em relação à tradução de nomes, no fim das contas serviram apenas para me estimular mais. Os desafios não foram vistos como empecilhos, e sim como metas que deveriam ser cumpridas; era grande a satisfação de conseguir descobrir o significado de alguma expressão desconhecida, por exemplo, ou de encontrar uma solução para algum problema, e assim ir aos poucos dando sentido ao texto e forma à tradução.

Aqui eu mostrei a forma como realizei este trabalho, mas é claro que há outras formas em que ele poderia ter sido feito, e também outros tipos de trabalhos semelhantes que podem ser realizados. Embora o conto trabalhado aqui seja de um tom cômico essencialmente leve e simples, ainda é perceptível a presença de minorias oprimidas e espaços de silêncio, embora não tenha sido o objetivo deste trabalho preencher estas lacunas, ou seja, intencionalmente explorar, desenvolvendo ou reprimindo, no ato da tradução, possíveis agendas ou ideologias presentes no texto de partida. Mas mesmo assim, essa discussão pode ser abordada em trabalhos futuros. De um ponto de vista feminista, por exemplo, podemos ver que a apresentação da personagem Mrs. Tracle seria um problema, pois apesar de ser vista como importante, essa importância se dá de modo a objetificá-la, i.e. ela só é importante na história por que é o objeto de desejo do personagem *Sir Pathrick*, o que fica particularmente visível no conto considerando que só temos acesso ao ponto de vista dele (inclusive, Mrs. Tracle é a única dos três personagens principais que não fala, ou ao menos que não teve sua fala narrada a nós por *Sir Pathrick*). No entanto, isto é assunto para outros trabalhos.

A intenção deste trabalho foi realizar um estudo piloto do projeto de publicação de uma coletânea comentada de contos de Edgar Allan Poe, como descrito na subseção 3.2 *Sobre o projeto de tradução*, para que estes contos, especialmente os menos conhecidos, se tornem mais

acessíveis ao público brasileiro em geral. Ou seja, minha maior preocupação foi principalmente linguística, e não as possíveis problemáticas socioculturais e agendas presentes no texto, embora seja possível, obviamente, trabalhar com essa temática. Também é possível seguir a linha deste trabalho e, por exemplo, propor uma nova tradução comentada de qualquer outro conto de humor de Poe, ou trabalhando com contos de outros gêneros.

6. Referências

AIXELÁ, J. F. “Culture-specific items in translation.” In: R. Alvarez & M. Vidal (Ed.), **Translation, Power, Subversion**. Clevedon: Multilingual Matters, 1996, p. 52-78.

BERMAN, A. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995

BOTTMANN, D. “Aspectos da presença de Edgar Allan Poe no Brasil.” In: **Tradução em Revista** 2010/1, 2010, p. 01-19.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm >. Acesso em: 22 de agosto 2013.

_____. “Poe XLIII, planilhas no google docs”. **Não gosto de plágio**. Registro, 02 ago. 2011. Disponível em: < <http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/08/poe-xlii-planilhas-no-google-docs.html> >. Acesso em: 22 de agosto de 2013.

_____. “Os contos e suas traduções”. **Edgar Allan Poe**. Registro, 09 jan. 2012. Disponível em: < <http://eapoebrasil.blogspot.com.br/2012/01/os-contos-e-suas-traducoes.html> >. Acesso em: 22 de agosto de 2013.

DAGHLIAN, C. “A recepção de Poe na literatura brasileira”. In: **Fragmentos**, número 25. Florianópolis, jul - dez, 2003, p. 45 - 54.

MABBOTT, T. O. **The Collected Works of Edgar Allan Poe - Vol. II: Tales and Sketches, 1831 - 1842**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, Massachusetts, 1978. Disponível em: < <http://www.eapoe.org/works/mabbott/tom2t000.htm> > Acesso em: 22 de agosto de 2013.

POE, E. A. “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”. In: **The Collected Tales and Poems of Edgar Allan Poe**, Wordsworth Library Collection. Ware: Wordsworth Editions Limited, 2009, p. 400 - 404.

QUINN, A. H. **Edgar Allan Poe: A Critical Biography**. New York: D Appleton-Century, 1941. Disponível em: < <http://www.eapoe.org/papers/misc1921/quinn00c.htm> >. Acesso em: 22 de agosto de 2013.

SANTOS, C. R. V. “Tradução de manifestações não padrão na literatura infanto-juvenil: um panorama.” In: **Anais do 5º. SLIJ -Seminário de Literatura Infantil e Juvenil**. Florianópolis, 2012, p. 173 - 300.

SPIVAK, G. C. “The Politics of Translation.” In: L. Venuti (Ed.), **Translation Studies Reader**. London & New York: Routledge, 2000.

SLANG.IE. Irish Slang online dictionary. Disponível em: < <http://www.slang.ie/> >. Acesso em: 22 de agosto de 2013.

VENUTI, L. **The Translator’s Invisibility: A History of Translation**. London & New York: Routledge, 1995.

7. Anexos

Anexo 1 - TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução.

Eu, NAIARA RODRIGUES DE BRITO, identidade nº 3.566.752, na qualidade de aluno(a) da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:

* O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;

* O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto PLÁGIO, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;

* As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;

* Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como as longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;

* Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informado(a) e orientado(a) a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

O (a) Professor (a) responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.

João Pessoa, 23/08/2013.

Naiara Rodrigues de Brito

Anexo 2 - Relação dos contos de Poe

O *post* mencionado na subseção 3.1 *Estudos preliminares* pode ser acessado através do link <http://eapoebrasil.blogspot.com.br/2012/01/os-contos-e-suas-traducoes.html>. Abaixo, segue uma tabela com uma relação dos contos de Poe elaborada com base no levantamento de Bottmann. Acrescentei um guia ilustrativo do gênero e número aproximado de páginas dos contos para facilitar sua divisão e organização.

	Título do Conto	Gênero	Nº de Traduções	Nº aprox. de Páginas
1	The Black Cat	Horror/Suspense	34	7
2	The Purloined Letter	Mistério/Investigação	32	15
3	The Murders in the Rue Morgue	Mistério/Investigação	29	24
4	The Gold-Bug	Mistério/Investigação	25	26
5	The Pit and the Pendulum	Horror/Suspense	20	10
6	The Cask of Amontillado	Horror/Suspense	19	6
7	The Masque of Red Death	Horror/Suspense	19	4
8	The Tell-Tale Heart	Horror/Suspense	19	4
9	Berenice	Horror/Suspense	15	6
10	The Fall of the House of Usher	Horror/Suspense	15	13
11	The Oval Portrait	Horror/Suspense	15	3
12	The Imp of the Perverse	Horror/Suspense	13	5
13	William Wilson	Horror/Suspense	13	14
14	Hop-Frog	Horror/Suspense	12	7
15	The Man of the Crowd	Horror/Suspense	12	7
16	MS Found in a Bottle	Mistério/Investigação	12	8
17	The Mystery of Marie Rogêt	Mistério/Investigação	12	35
18	Metzengerstein	Horror/Suspense	11	6
19	The System of Doctor Tarr and Professor Fether	Humor/Sátira	11	13
20	The Facts in the Case of M. Valdemar	Horror/Suspense/ Fraude Jornalística	10	6
21	Shadow - A Parable	Horror/Suspense	10	2
22	A Descent into the Maelström	Mistério/Investigação	8	11
23	The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket ¹³	Aventura	8	121
24	The Premature Burial	Horror/Suspense	8	10
25	Silence: A Fable	Humor/Sátira	8	2
26	Some Words With a Mummy	Humor/Sátira	8	12
27	The Devil in the Belfry	Humor/Sátira	6	7
28	Ligeia	Horror/Suspense	6	12

¹³ Embora esteja incluído na lista, *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket* é na verdade o único romance completo escrito por Poe.

29	The Unparalleled Adventure of One Hans Pfaal	Ficção Científica	6	37
30	King Pest	Humor/Sátira	5	9
31	Never Bet the Devil Your Head	Humor/Sátira	5	6
32	The Oblong Box, The	Horror/Suspense	5	8
33	A Tale of the Ragged Mountains	Ficção Científica	5	7
34	The Visionary (The Assignment)	Horror/Suspense	5	9
35	The Colloquy of Monos and Una	Ficção Científica	4	6
36	The Conversation of Eiros and Charmion	Ficção Científica	4	6
37	The Power of Words	Ficção Científica	4	3
38	Thou Art the Man	Mistério/Investigação	4	11
39	Eleonora	Romance	3	5
40	Le Duc de l'Omelette	Humor/Sátira	3	2
41	Mesmeric Revelation	Ficção Científica	3	7
42	Morella	Horror/Suspense	3	3
43	The Sphinx	Humor/Sátira	3	3
44	The Angel of the Odd	Humor/Sátira	2	7
45	The Balloon Hoax	Fraude Jornalística	2	9
46	Literary Life of Thingum Bob, Esq.	Humor/Sátira	2	15
47	The Man that was Used Up	Humor/Sátira	2	8
48	The Spectacles	Humor/Sátira	2	18
49	Three Sundays in a Week	Humor/Sátira	2	5
50	Bon-Bon	Humor/Sátira	1	12
51	The Business Man	Humor/Sátira	1	7
52	Diddling Considered as One of the Exact Sciences	Humor/Sátira	1	8
53	The Domain of Arnheim	Esboço	1	10
54	Epimanes (Four Beasts in One)	Humor/Sátira	1	6
55	How to Write a Blackwood Article	Humor/Sátira	1	7
56	The Island of the Fay	Fantasia	1	3
57	Landor's Cottage	Esboço	1	9
58	Lionizing	Humor/Sátira	1	4
59	Loss of Breath	Humor/Sátira	1	7
60	Maelzel's Chess-Player ¹⁴	Ensaio	1	18
61	Mellonta Tauta	Ficção Científica	1	9
62	Mystification	Humor/Sátira	1	9
63	A Predicament	Humor/Sátira	1	12
64	A Tale of Jerusalem	Humor/Sátira	1	3
65	The Thousand-and-Second Tale of Scheherazade	Humor/Sátira	1	14

¹⁴ Em seu *post*, Bottmann acrescenta a seguinte observação: “Embora “O jogador de xadrez de Maelzel” seja um ensaio, está presente nesta listagem por ter saído no Brasil como se fosse peça de ficção, incluído na coletânea *Histórias Extraordinárias* de Abril Cultural de 1978 e suas sucessivas reedições.”

66	Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling	Humor/Sátira	1	4
67	X-ing a Paragrab	Humor/Sátira	1	4

Anexo 3 - “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling”

Este anexo consiste na versão do conto “Why the Little Frenchman Wears his Hand in a Sling” utilizada como texto de partida para a realização da tradução “Porque o francesinho está com a mão na tipoia”, apresentada neste trabalho. Esta versão pode ser acessada no *website* da Edgar Allan Poe Society of Baltimore através do link <http://www.eapoe.org/works/tales/frnhmb.htm> .

WHY THE LITTLE FRENCHMAN WEARS HIS HAND IN A SLING

IT ‘S on my wisiting cards sure enough (and it’s them that’s all o’ pink satin paper) that innu gintleman that plases may behould the intheristing words, “Sir Pathrick O’Grandison, Barronit, 39 Southampton Row, Russel Square, Parrish o’ Bloomsbury.” And shud ye be wanting to diskiver who is the pink of purliteness quite, and the laider of the hot tun in the houl city o’London — why it’s jist meself. And faith that same is no wonder at all at all, so be plased to stop curling your nose, for every inch o’ the six wakes that I’ve been a gintleman, and left aff wid the bogthrothing to take up wid the Barronissy, it’s Pathrick that’s been living like a houly imperor, and gitting the iddication and the graces. Och! and would’nt it be a blessed thing for your sperrits if ye cud lay your two peepers jist, upon Sir Pathrick O’Grandison, Barronitt, when he is all riddy drissed for the hopperer, or stipping into the Brisky for the drive into the Hyde Park. But it’s the iligant big figgur that I have, for the reason o’ which all the ladies fall in love wid me. Isn’t it my own swate self now that’ll missure the six fut, and the three inches more nor that in me stockings, and that am excadingly will proportioned all over to match? And is it really more than the three fut and a bit that there is, innu how, of the little ould furrener Frinchman that lives jist over the way, and that’s a oggling and a goggling the houl day, (and bad luck to him,) at the purty widdy Misthress Tracle that’s my own nixt door neighbor, (God bliss her) and most particuller frind and acquaintance? You percave the little spalpeen is summat down in the mouth, and wears his lift hand in a sling; and it’s for that same thing, by yur lave, that I’m going to give you the good rason.

The thruth of the houl matter is jist simple enough; for the very first day that I com'd from Connaught, and showd my swate little silf in the strait to the widdy, who was looking through the windy, it was a gone case althegither wid the heart o' the purty Misthress Tracle. I percaved it, ye see, all at once, and no mistake, and that's God's thruth. First of all it was up wid the windy in a jiffy, and thin she threw open her two peepers to the itmost, and thin it was a little Gould spy-glass that she clapped tight to one o' them, and divil may burn me if it didn't spake to me as plain as a peeper cud spake, and says it, through the spy-glass — "Och! the tip o' the mornin to ye, Sir Pathrick O'Grandison, Barronitt, mavourneen; and it's a nate gintleman that ye are, sure enough, and it's meself and me fortin jist that'll be at yur sarvice, dear, inny time o' day at all at all for the asking." And it's not meself ye wud have to be bate in the purliteness; so I made her a bow that wud have broken yur heart althegither to behold, and thin I pulled aff me hat with a flourish, and thin I winked at her hard wid both eyes, as much as to say — "Thrue for you, yer a swate little crature, Mrs. Tracle, me darlint, and I wish I may be drownthed dead in a bog, if its not meself, Sir Pathrick O'Grandison, Barronitt, that'll make a houl bushel o' love to yur leddyship, in the twinkling o' the eye of a Londonderry purraty."

And it was the nixt mornin, sure enough, jist as I was making up me mind whither it wouldn't be the purlite thing to sind a bit o' writing to the widdy by way of a love-litter, when up cum'd the delivery sarvant wid an illigant card, and he tould me that the name on it (for I niver cud rade the copper-plate printing on account of being lift handed) was all about Mounseer, the Count, A Goose, Look-aisy, Maiter-didauns, and that the houl o' the divilish lingo was the spalpeen long name of the little ould furrener Frinchman as lived over the way.

And jist wid that in cum'd the little willain himself, and thin he made me a broth of a bow, and thin he said he had ounly taken the liberty of doing me the honor, of the giving me a call, and thin he went on to palaver at a great rate, and divil the bit did I comprehend what he wud be afther the tilling me at all at all, excipting and saving that he said "pully wou, woolly wou," and tould me, among a bushel o' lies, bad luck to him, that he was mad for the love o' my widdy Misthress Tracle, and that my widdy Mrs. Tracle had a puncheon for *him*.

At the hearin of this, ye may swear, though, I was as mad as a grasshopper, but I remimbered that I was Sir Pathrick O'Grandison, Barronitt, and that it wasn't althegither gentaal to lit the anger git the upper hand o' the purliteness, so I made light o' the matter and kipt dark, and got quite sociable wid the little chap, and afther a while what did he do but ask me to go wid him to the widdy's, saying he wud give me the feshionable introduction to her leddyship.

“Is it there ye are?” said I thin to meself — “and its throe for you Pathrick that ye’re the fortunittest mortal in life. We’ll soon see now whither its your swate silf, dear, or whither its little Mounseer Maiter-di-dauns, that Misthress Tracle is head and ears in the love wid.”

Wid that we wint aff to the widdy’s, next door, and ye may well say it was an illigant place — so it was. There was a carpet all over the floor, and in one corner there was a forty-pinny and a jews-harp and the divil knows what ilse, and in another corner was a sofy — the beautifullest thing in all natur — and sittin on the sofy, sure enough there was the swate little angel, Misthress Tracle.

“The tip o’ the morning to ye,” says I — “Mrs. Tracle” — and then I made sich an iligant obaysance that it wud ha quite althegither bewildered the brain o’ ye.

“Wully woo, pully woo, plump in the mud,” says the little furrenner Frinchman — “and sure enough Mrs. Tracle, says he, that he did — “isn’t this gintleman here jist his riverence Sir Pathrick O’Grandison, Barronitt, and isn’t he althegither and entirely the most purticular frind and acquaintance that I have in the houl world?”

And wid that the widdy, she gits up from the sofy, and makes the swatest curtchy nor iver was seen; and thin down she gits agin like an angel; and thin, by the powers, it was that little spalpeen Mounseer Maiter-di-dauns that plumped his self right down by the right side of her. Och hon! I ixpicted the two eyes o’ me wud ha cum’d out of my head on the spot, I was so disperate mad! Howiver — “Bait who!” says I, after a while. “Is it there ye are, Mounseer Maiter-di-dauns?” and so down I plumped on the lift side of her leddyship, to be aven wid the willain. Botheration! it wud ha done your heart good to percave the illigant double wink that I gived her jist thin right in the face wid both eyes.

But the little ould Frinchman he niver beganened to suspect me at all at all, and disperate hard it was he made the love to her leddyship. “Wouully wou” says he — “Pully wou” says he — “Plump in the mud.”

“That’s all to no use, Mounseer Frog, mavourneen,” thinks I — and I talked as hard and as fast as I could all the while, and troth it was meself jist that divarted her leddyship completely and intirely, by rason of the illigant conversation that I kipt up wid her all about the swate bogs of Connaught. And by and by she giv’d me sich a swate smile, from one ind of her mouth to the other, that it made me as bould as a pig, and I jist took hould of the ind of her little finger in the most dillikittest manner in natur, looking at her all the while out o’ the whites of my eyes.

And thin ounly to percave the cuteness of the swate angel, for no sooner did she obsarve that I was afther the squazing of her flipper, than she up wid it in a jiffy, and put it away behind her back, jist as much as to say — “Now thin, Sir Pathrick O’Grandison, there’s a bittther chance for ye, mavourneen, for its not althegither the gentaal thing to be afther the squazing of my flipper right full in the sight of that little furrenner Frinchman, Mounseer Maiter-di-dauns.”

Wid that I giv’d her a big wink jist to say — “lit Sir Pathrick alone for the likes o’ them thricks” — and thin I wint aisy to work, and you’d have died wid the divarsion to behold how cleverly I slipped my right arm betwane the back o’ the sofy, and the back of her leddyship, and there, sure enough, I found a swate little flipper all a waiting to say — “the tip o’ the mornin to ye, Sir Pathrick O’Grandison, Barronit.” And wasn’t it meself, sure, that jist giv’d the laste little bit of a squaze in the world, all in the way of a commincement, and not to be too rough wid her leddyship? and och, botheration, wasn’t it the gentaalest and delikittest of all the little squazes that I got in return? “Blood and thunder, Sir Pathrick, mavourneen” thinks I to meself, “faith it’s jist the mother’s son of you, and nobody else at all at all, that’s the handsomnest and the fortunittest young bogthrotter that ever cum’d out of Connaught!” And wid that I giv’d the flipper a big squaze — and a big squaze it was, by the powers, that her leddyship giv’d to me back. But it wud ha split the seven sides of you wid the laffin to behold, jist thin all at once, the concated behaviour of Mounseer Maiter-di-dauns. The likes o’ sich a jabbering, and a smirking, and a parly-wouing as he begin’d wid her leddyship, niver was known before upon arth; and divil may burn me if it wasn’t my own very two peepers that cotch’d him tipping her the wink out of one eye. Och hon! if it wasn’t meself thin that was as mad as a Kilkenny cat I shud like to be tould who it was!

“Let me infarm you, Mounseer Maiter-di-dauns,” said I, as purlit as iver ye seed, “that it’s not the gintaal thing at all at all, and not for the likes o’ you inny how, to be after the oggling and a goggling at her leddyship in that fashion — and jist wid that such another squaze as it was I giv’d her flipper, all as much as to say — “isn’t it Sir Pathrick now, my jewel, that’ll be able to the proticting o’ you, my darlint?” — and thin there cum’d another squaze back, all by way of the answer — “Thru for you, Sir Pathrick,” it said as plain as iver a squaze said in the world — “Thru for you, Sir Pathrick, mavourneen, and it’s a proper nate gintleman ye are — that God’s thruth” — and wid that she opened her two beautiful peepers till I belaved they wud ha com’d out of her head althegither and intirely, and she looked first as mad as a cat at Mounseer Frog, and thin as smiling as all out o’ doors at meself.

“Thin,” says he, the willian, “Och hon! and a woolly-wou, pully-wou,” and thin wid that he shoved up his two shoulders, till the divil the bit of his head was to be diskivered, and thin he let down the two corners of his purraty-trap, and thin not the bit more of the satisfaction could I git out o’ the spalpeen.

Belave me, my jewel, it was Sir Pathrick that was unreasonab mad thin, sure enough, and the more by token that he kept on wid his winking and blinking at the widdy; and the widdy she kept on wid the squazing of my flipper, as much as to say — “At him again Sir Pathrick O’Grandison, mavourneen,” so I jist ripped out wid a big oath, and says I, sure enough —

“Ye little spalpeeny frog of a bog-throtting son of a bloody-noun!” — and jist thin what d’ye think it was that her leddyship did? Troth she jumped up from the sofy as if she was bit, and made aff through the door, while I turned my head round afther her, in a complate bewilderment and botheration, and followed her wid me two peepers. You percave I had a rason of my own for the knowing that she couldn’t git down the stairs althegither and intirely — for I knew very well that I had hould of her hand, for divil the bit had I iver lit it go. And says I —

“Isn’t it the laste little bit of a mistake in the world that ye’ve been afther the making, yer leddyship? Come back now, that’s a darlint, and I’ll give ye yur flipper.” But aff she wint down the stairs like a shot, and then I turned round to the little French furrenner. Och hon! if it wasn’t his spalpeeny little flipper that I had hould of in my own — why thin — thin it was’nt — that’s all.

Maybe it wasn’t meself that jist died then outright wid the laffin, to behould the little chap when he found out that it wasn’t the widdy at all that he had hould of, but only Sir Pathrick O’Grandison. The ould divil himself niver behild such a long face as he pet on! As for Sir Pathrick O’Grandison, Barronitt, it wasn’t for the likes of his riverence to be afther the minding a thrifle of a mistake. Ye may jist say, though — for its God’s thruth — that afore I lift hould of the flipper of the spalpeen, (which was not till afther her leddyship’s futmen had kicked us both down the stairs,) I gived it such a nate little broth of a squaze, as made it all up into raspberry jam.

“Wouly-wou” — says he — “pully-wou” — says he — “Cot tam!”

And that’s jist the thruth of the rason why he wears his lift hand in a sling.